



O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

THE PEDAGOGICAL CHALLENGE OF THE ALPHA GENERATION

EL DESAFIO PEDAGOGICO DE LA GENERACIÓN ALPHA

Tatiara Helena Marques Labre – tathelena@hotmail.com¹

Gladys Roberta Garcia - gladys.garcia02@gmail.com²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo o estudo da Geração Alpha e seguiu os critérios de pesquisa de revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa, tendo como principal ferramenta o levantamento de variadas abordagens de ensino e de práticas pedagógicas voltadas para tal geração. Dentre as obras pesquisadas, destacam-se as dos seguintes autores: McCrindle (2014), Bauman (2001), Moran, Masetto e Behrens (2000) e Zimmerman, Bonner e Kovach (1996), Prensky (2010). A Geração Alpha é composta por crianças nascidas após o ano de 2010, que apresentam como característica predominante a espontaneidade, curiosidade, independência, autonomia, egocentrismo, inteligência e hiperconectividade. As práticas pedagógicas pensadas para essa geração precisam ser elaboradas para atender às suas singularidades e particularidades de aprendizagem, respeitando seu ritmo e perfil, buscando potencializar o desenvolvimento de suas competências. Os docentes devem ser capacitados, de preferência, com a inserção de saberes relacionados à área da neurociência, o que promoverá um aprimoramento do conhecimento das estruturas cerebrais das crianças e de seu funcionamento em relação ao aprendizado, contribuindo, assim, com a elaboração de práticas pedagógicas personalizadas, contextualizadas, motivantes e enriquecedoras.

Palavras-chave: Geração Alpha; práticas pedagógicas; ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to study the Generation Alpha and followed the research criteria of a literature review, with a qualitative approach, having as its main tool the survey of various teaching approaches and pedagogical practices aimed at such generation. Among all the works researched, the following authors stand out: McCrindle (2014), Bauman,

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Anhembi Morumbi. Orientanda e Bolsista do PIBIC.

² Orientadora da iniciação científica. Docente no curso de Pedagogia da Universidade Anhembi Morumbi.

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

(2001), Moran, Masetto and Behrens (2000) and Zimmerman, Bonner and Kovach (1996), Prensky (2010). The Generation Alpha is made up of children born after 2010, whose predominant characteristic is spontaneity, curiosity, independence, autonomy, egocentrism, intelligence and hyperconnectivity. Pedagogical practices designed for this generation need to be designed to meet their singularities and particularities of learning, respecting their pace and profile, seeking to enhance the development of their skills. Teachers should preferably be trained with the insertion of knowledge related to the field of neuroscience, which will promote an improvement in the knowledge of children's brain structures and their functioning in relation to learning, thus contributing to the development of personalized, contextualized, motivating and enriching pedagogical practices.

Keywords: Generation Alpha; pedagogical practices; teaching and learning.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo estudiar la generación Alfa y siguió los criterios de investigación de una revisión de la literatura, con un enfoque cualitativo, teniendo como herramienta principal el relevamiento de diversos enfoques de enseñanza y prácticas pedagógicas dirigidas a dicha generación. Entre todos los trabajos investigados destacan los siguientes autores: McCrindle (2014), Bauman (2001), Moran, Masetto y Behrens (2000) y Zimmerman, Bonner y Kovach (1996), Prensky (2010). La generación Alfa está formada por niños nacidos después de 2010, cuya característica predominante es la espontaneidad, la curiosidad, la independencia, la autonomía, el egocentrismo, la inteligencia y la hiperconexión. Las prácticas pedagógicas pensadas para esta generación necesitan estar diseñadas para atender sus singularidades y particularidades de aprendizaje, respetando su ritmo y perfil, buscando potenciar el desarrollo de sus competencias. Los docentes deben estar preferiblemente capacitados con la inserción de conocimientos relacionados con el campo de las neurociencias, que promoverán una mejora en el conocimiento de las estructuras cerebrales de los niños y su funcionamiento en relación al aprendizaje, contribuyendo así al desarrollo de prácticas pedagógicas personalizadas, contextualizadas, motivando y enriquecedor.

Palabras-clave: generación Alfa; prácticas pedagógicas; enseñanza y aprendizaje.

INTRODUÇÃO

A cada época, a história da humanidade é marcada por inúmeras transformações que, em grande parte, foram motivadas pelas necessidades, ideias e pontos de vista que cada nova geração traz para a sociedade. Entretanto, hoje, as mudanças são mais perceptíveis graças a toda a comunicação que nos permite acompanhar em tempo real tudo o que acontece no mundo.

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

Além disso, o maior acesso à educação permite que as novas gerações possam criticar e refletir sobre a vida e o comportamento humano, o que leva a questionamentos sobre as relações, as organizações, as famílias, as crenças, os estilos de vida e, desse modo, as ideias se transformam em ritmo acelerado e imprevisível, antes mesmo de se solidificarem como rotinas e costumes.

O avanço tecnológico e suas consequências em níveis globais são os temas mais discutidos na atualidade por serem responsáveis pelas inovações mais significativas da sociedade, afetando desde o cenário econômico de um país até o comportamento das pessoas, impactando, assim, na maneira como trabalhamos, consumimos, comunicamo-nos, estudamos etc.

É exatamente nesse ponto que se encontra a crítica de Bauman (2001) em relação às transformações sociais e econômicas trazidas pelo capitalismo globalizado. Esse panorama criou um ser humano repleto de incertezas quanto à sua capacidade de adequação aos novos padrões sociais e um constante sentimento de angústia, ansiedade e de falta de pertencimento (a um grupo).

Em sua teoria da modernidade líquida, Bauman (2001) descreve que a sociedade atual vive na impermanência, em constante mudança, incapaz de manter qualquer forma. E, de maneira análoga, o ser humano atual também é líquido, e assim, atua e estabelece suas relações de forma fluida.

A *Era da informação* valoriza o conhecimento e a tecnologia tanto quanto o consumo, que é uma resposta para a satisfação das ansiedades dos indivíduos. As novas formas de interação e a modificação do modo de vida e, conseqüentemente, de conduta, fazem com que os indivíduos vivam a vida, sem questionar o que realmente acontece à sua volta, tornando-se simples espectadores, em vez de protagonistas.

Aliado a isso, o momento intrageracional, no qual as mudanças se dão no interior de cada geração, cria um ambiente pouco estável, afetando, diretamente, a vida de todos os indivíduos. As transformações acontecem com tanta rapidez que a divisão das gerações, que antes acontecia a cada 20-25 anos, hoje, não passa dos 15.

É nesse cenário de constantes transformações que nascem as crianças descritas como mais inteligentes, curiosas, ansiosas, muito mais independentes e com um amplo potencial de resolução de problemas. O escritor e pesquisador

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

australiano McCrindle (2014, p. 218, tradução nossa), descreve e nomeia esta geração da seguinte maneira: “De XYZ a Alpha: Eles não são o fim da antiga ou a reciclagem da atual, mas o começo de algo novo – é por isso que são chamados de Geração Alpha”.

Diante disso, educar alunos espontâneos, acelerados e superinteligentes não é tarefa fácil, mas sim um desafio. Será que os professores estão preparados para trabalhar em uma classe com essas crianças hiperestimuladas? Qual deve ser o enfoque do currículo escolar para atingir as crianças da Geração Alpha?

O presente artigo, procura por meio de uma pesquisa bibliográfica, trazer luz às respostas dessas perguntas. Para isso, a primeira seção, amparada nos referenciais de McCrindle (2014), Bauman (2001) e Prensky (2010) discute as diferentes gerações, a sociedade da transformação e a inserção da geração Alpha nesse contexto, assim como suas características mais comumente encontradas. Na segunda seção, com base em Moran, Masetto e Behrens (2000) e Zimmerman, Bonner and Kovach (1996) discute-se a mudança do papel do professor e da escola, bem como as práticas pedagógicas voltadas para a geração Alpha.

AS GERAÇÕES

De acordo com Feixa e Leccardi (2010), uma geração não é formada por indivíduos com uma data de nascimento em comum, mas sim pelo processo histórico que compartilham. O termo associa-se à dinâmica das transformações e aos resultados de sucessivas mudanças históricas e sociais. Dessa forma, as novas gerações criam novas identidades e novos papéis; mudam o rumo e a forma de tomar decisões; mudam também, os caminhos a serem percorridos e sua forma de agirem.

Hoje, diversas gerações coexistem e dividem o mesmo ambiente, dentre elas, as gerações X, Y, Z e Alpha, cada uma com um perfil e um aspecto comportamental diferente, peculiaridades de comportamento, ideais e objetivos. Entretanto, todas vivem na era da tecnologia.

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

Nascidos após o chamado *Baby Boom*, as pessoas da geração X viram nascer a *internet* e a tecnologia e cresceram no pós-guerra; um tempo de incertezas e de polarização. São os nascidos entre 1960 e 1980, muito influenciados pela televisão, conhecidos por serem mais flexíveis, autônomos, buscando no trabalho a realização dos desejos materiais e pessoais, sendo mais empreendedores, valorizando mais a autoestima (SMOLA; SUTTON, 2002).

A geração Y, nascidos de 1980 a final da década de 1990, desenvolveu-se em uma época de grande prosperidade econômica, tendo acesso a TV a cabo, *videogames*, computadores e, principalmente, a *internet*, que já estava plenamente desenvolvida. São os chamados *millenials*.

Costumam relutar em obedecer à hierarquia da organização; e assim como a geração anterior, são mais flexíveis, autônomos e além de terem mais facilidade, gostam muito da tecnologia. No entanto, são dispersos, tem falta de foco e atenção e por isso não são fáceis de gerir (MARTIN; TULGAN, 2006).

A geração Z, ou *nativos digitais*, nascidos a partir do ano 2000, não conheceu o mundo sem o computador, a *internet* e os *chats*, pois já nasceu inserida nesse ambiente, de expansão exponencial da *internet* e dos aparelhos tecnológicos. Essa geração, que não encontra dificuldades em lidar com o novo, recebe o nome de Z, que vem de *zap* do inglês (*zapear*, mudar de canal rapidamente), e que quer dizer que a geração tem alta velocidade de pensamento e dinamismo.

Essa geração tem como uma forte característica ser multitarefas. O lado positivo é o dinamismo e flexibilidade, mas isso pode ser visto como negativo, já que pode torná-los dispersos. No entanto, como a geração Y, a geração Z tem o foco na realização de sonhos e projetos, portanto procura trabalhar com algo relacionado a seu propósito de vida.

A geração Alpha nasce após 2010, em tempo de grandes transformações, em que as tecnologias estão muito mais avançadas e a quantidade de informações a que se tem acesso é gigantesca. Segundo Bauman (2001, p. 9), “Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história de modernidade.”

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

A liquidez, segundo Bauman (2001), aparece nas relações entre as pessoas e nas relações com o consumo, por exemplo. Essa *modernidade líquida* da qual o autor fala é o dinamismo nas relações, nos pensamentos e desejos. Esse é o contexto no qual a geração Alpha está imersa.

A GERAÇÃO ALPHA E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Considerando o contexto supracitado, estas são algumas das características que as crianças nascidas após 2010 podem apresentar: espontaneidade, curiosidade, atenção a tudo que está a sua volta, autonomia, fácil adaptação, versatilidade, constante questionamento, hiperconectividade, independência, individualidade e egocentrismo.

Cientistas de todas as disciplinas usam o alfabeto grego como uma sequência de rotulagem e, como sociólogos ao nomear a próxima geração, também seguimos essa nomenclatura [...] Os nascidos em todo o mundo entre 2010-2024, rotulamos de Geração Alpha (MCCRINDLE, 2014, p. 220 e 222, tradução nossa).

Os Alpha não conhecem o mundo sem o uso da tecnologia, e são dependentes dela, sendo, diariamente, bombardeados por milhares de informações que estão disponíveis a apenas um clique de distância. No mundo digital e líquido, onde a conexão ocorre a qualquer hora e em qualquer lugar, podem ter dificuldade em diferenciar o *online* do *offline*.

Desde muito pequenas, as crianças ficam diante das telas e convivem, diariamente, com computadores, celulares e *tablets*. São superestimuladas e, em alguns casos, estão expostas o tempo todo, a jogos, animações, cores e estímulos sonoros.

São movidas por diversos estímulos sensoriais, sendo um dos maiores o visual, e costumam ser rápidas e ágeis em todas as suas respostas. É a geração do imediatismo, do senso de urgência, mas que pode apresentar dificuldades em lidar com a frustração e a autoridade.

As crianças experimentam muito mais que a evolução tecnológica, elas vivem um momento de evolução do pensamento. Estudos da neurociência

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

comprovam a capacidade do cérebro de se adaptar ao ambiente, assim o córtex cerebral dessa geração se desenvolve de uma maneira peculiar se comparados ao cérebro de crianças não expostas à mídia digital.

As crianças de hoje, segundo Prensky (2010), nascem num mundo imerso em tecnologias e mídias digitais e, assim, apresentariam uma alteração em suas estruturas cerebrais, mais rapidez de pensamento e outra relação com o mundo. Isso significa uma modificação em seu perfil cognitivo e a maneira como aprendem. Prensky (2010) defende, então, que há um *gap geracional* entre as crianças e pais, e entre professores e educandos, especialmente relacionado ao uso da tecnologia.

O acesso a uma grande quantidade de informações oportuniza o desenvolvimento da criatividade e originalidade, características que se enquadram na *cultura maker*: a cultura do faça você mesmo, crie, invente e inove.

Essa geração tem apresentado alguns desenvolvimentos precoces, como a *fase dos porquês*, por exemplo, que antes acontecia por volta dos 5 anos, agora se inicia aos 2 anos de idade, fator que pode ter sido influenciado pela antecipação do início da vida escolar.

Para McCrindle (2014), essa iniciação precoce da vida escolar é responsável pela criação de uma geração com um nível educacional mais elevado, e que tendenciosamente irá estudar por períodos mais longos que as gerações anteriores.

A geração Alpha superará até os elogiados e sofisticados Zeds em termos de educação, com a previsão de 90% completar o 12º ano, comparado aos 79,9% de hoje, e com a maioria passando para o ensino superior. À medida que a inflação educacional continuar, os marcos da vida adulta serão adiados ainda mais. Quando a geração Alpha terminar o ensino médio, seus pais podem esperar pelo menos 13 anos antes de se tornarem avós. Quase uma em cada três mulheres Alpha nunca terá filhos (MCCRINDLE, 2014, p. 226, tradução nossa).

Todavia, as transformações não são apenas positivas. A tecnologia em excesso pode limitar o contato com outros indivíduos e dificulta a interação social, pois privilegia a conquista individual. Essa falta de contato com outros

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

sujeitos dificulta a construção do *Eu próprio*, que de acordo com Henry Wallon (1989), se forma por meio da interação social e da interação com outras culturas. Ainda acerca do tema, Abed (2014) postula que

A aprendizagem humana é, acima de tudo, relacional – ocorre no seio de interações entre as pessoas. Portanto, as habilidades de qualidade social também são inerentes ao processo de ensino-aprendizagem. Para aprender, é necessário estabelecer vínculos saudáveis entre o ensinante, o aprendente e os objetos do conhecimento. É necessário inserir-se nos grupos sociais, acatar as regras estabelecidas para o convívio em sociedade, respeitar os direitos e deveres dos cidadãos. Saber expressar-se com clareza, preocupando-se com a compreensão do outro, é fundamental. É preciso saber trabalhar em equipe, estabelecer metas em comum, postergar a satisfação das necessidades individuais em prol dos objetivos grupais, e muitas outras habilidades de convivência, cooperação e colaboração (ABED, 2014, p. 21-22).

A comunicação, presente no dia a dia de todos os indivíduos, muitas vezes, pode acontecer com pouca qualidade, já que, na maioria das vezes, ela se dá por meio da utilização de *chats* e aplicativos. A facilidade de acesso à informação é ampla, mas ao mesmo tempo rasa, e simplesmente lê-las, diariamente, não significa que houve real aquisição de conhecimento.

Quanto mais mergulhamos na sociedade da informação, mais rápidas são as demandas por respostas instantâneas. As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos. Adoram as pesquisas síncronas, as que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, vêm nos acostumando a receber tudo mastigado, em curtas sínteses e com respostas fáceis. O acesso às redes eletrônicas também estimula a busca on-line da informação desejada. É uma situação nova no aprendizado. Todavia, a avidez por respostas rápidas, muitas vezes, leva-nos a conclusões previsíveis, a não aprofundar a significação dos resultados obtidos, a acumular mais quantidade do que qualidade de informação, que não chega a transformar-se em conhecimento efetivo (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p.21).

Assim, entende-se que a quantidade exorbitante de informações a que se tem acesso pode muitas vezes dificultar a escolha mais correta e mais assertiva,

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

prejudicando o entendimento geral do tema, sua análise e, por consequência, a sua conclusão, criando indivíduos generalistas, que não possuem propriedade e conhecimento adequados sobre os temas escolhidos.

Além disso, é preocupante o período de exposição ao uso do computador, celular ou *tablets* que as crianças podem estar sendo submetidas, podendo, assim, ter facilidade de acesso a todo tipo de conteúdo, sejam esses impróprios para a faixa etária ou relacionados a crimes *online*.

Moran, Masetto e Behrens (2000) sugerem que, além do exposto acima, existem outros pontos críticos e cruciais no que se refere ao uso da tecnologia no tempo e espaço escolar, sinalizando que o seu mau uso pode criar uma nova grande panaceia *modernosa*, incapaz de gerar resultados significativos para o desenvolvimento educacional desta e de futuras gerações.

Dessa maneira, entende-se que a utilização da tecnologia exige, além de um comportamento ético-moral e responsável, uma atitude planejada, consciente, crítica e, acima de tudo, inovadora, de maneira que prevaleçam práticas pedagógicas significativas com foco no aprimoramento do processo de aprendizagem e conseqüentemente no aumento da qualidade do ensino.

Apesar de todos os inconvenientes que a tecnologia pode trazer para a escola, impedir o contato da Geração Alpha com o ambiente digital não é a solução mais adequada, uma vez que pode gerar conseqüências negativas em relação ao desenvolvimento e aprendizado da criança, visto que é crescente o número de escolas que incluem o uso de ferramentas tecnológicas em seu cotidiano. Nesse caso, a proibição do uso poderia criar dificuldades na realização das tarefas e diminuição da interação social entre colegas, fator essencial para a troca de informações, experiências e realização de projetos.

A Geração Alpha nasceu e cresce desfrutando da utilização da tecnologia, e assim, costuma sentir prazer ao utilizá-la. Ademais, essa interação tecnológica acontece de forma simples, espontânea e agradável, em que o aluno aprende enquanto se entretém, seja com vídeos, músicas ou jogos. Portanto, uma possível solução é proporcionar o equilíbrio na utilização da tecnologia dentro da sala de aula, aliada às práticas pedagógicas efetivas.

O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

Para compreender a Geração Alpha, é preciso, primeiramente, ter ciência da transformação da própria sociedade e da forma como ela passou a desenvolver suas relações interpessoais. Essas mudanças exigiram a renovação e a adaptação dos indivíduos e das instituições, o que também ocorreu no espaço escolar e nas práticas pedagógicas.

Esse contexto, cada vez mais digital e veloz, influencia, diretamente, na forma como a criança se comporta na sala de aula. Ela pode, por exemplo, não compreender com clareza todos os passos e rotinas que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que está acostumada a obter qualquer resposta com a velocidade de um toque.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2000), todos esses desafios da educação estão provocando a mudança do papel do professor, que agora deve ser um mediador, um facilitador. Não existe mais a necessidade de apenas transmitir as informações e/ou conteúdo para o aluno, pois a tecnologia já faz isso com eficiência. Agora o foco está na orientação e mediação, de modo a ajudar os alunos a conhecerem os seus talentos, limitações e aspirações.

O professor precisa ser especializado e capacitado, e utilizar além da sua inteligência cognitiva, a sua habilidade afetiva; pois o seu relacionamento, grau de empatia e maneira de dialogar com os alunos são alguns dos fatores que irão impulsionar a aprendizagem e a busca do conhecimento.

Uma aula elaborada com o apoio de recursos digitais e metodologias ativas torna-se uma proposta de aprendizagem muito mais eficaz, principalmente se comparada com uma exposição analógica e tradicional, sem interação entre as partes. Entretanto, para que essa metodologia funcione, é preciso que a relação professor-aluno seja empática e aliada ao contexto e à diversidade da criança (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000).

Um bom orientador pode fazer a diferença na vida do aluno, tanto dentro quanto fora da escola. As atividades pedagógicas devem ser organizadas e planejadas para motivar, estimular e incentivar os discentes, buscando trabalhar todos os seus aspectos, tanto no campo intelectual quanto no emocional.

Nesse sentido, a neurociência estuda o sistema nervoso central e suas ações no corpo humano, tendo como escopo a compreensão de como os novos

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

saberes circulam no sistema nervoso central e como acontece o processo de aprendizagem dentro do cérebro (COSENZA; GUERRA, 2011).

Assim, a formação docente pode ser aprimorada com a inserção dos saberes neurocientíficos em seus estudos, para que o conhecimento acerca das estruturas cerebrais das crianças e da maneira como aprendem possa contribuir ricamente para as suas práticas pedagógicas.

A inclusão dos fundamentos neurobiológicos do processo de ensino-aprendizagem na formação inicial do educador proporcionará nova e diferente perspectiva da educação e de suas estratégias pedagógicas, influenciando também a compreensão dos aspectos sociais, psicológicos, culturais e antropológicos tradicionalmente estudados pelos pedagogos (GUERRA, 2011, p. 05).

Esse novo enfoque da neurociência mostra que o conhecimento a respeito do funcionamento cerebral dos estudantes contribui de forma significativa com o processo ensino-aprendizagem, pois proporciona momentos estimulantes, prazerosos e significativos, otimizando as aulas, conseqüentemente, as potencialidades individuais dos alunos.

Assim, conforme Piaget (1973), quando o professor acredita no potencial dos seus alunos, proporciona o desenvolvimento deles por meio de experiências que possibilitem a interação dos saberes já formalizados.

Para Moran, Masetto e Behrens (2000), o professor autoritário, detentor do saber, focado apenas em *dar uma aula*, deve dar lugar ao professor parceiro, gestor do processo de aprendizagem, orientador que assume seu papel como mediador e planejador de estratégias que permitam ao estudante vivenciar conflitos cognitivos que o (a) levem a evoluir em suas hipóteses e ser protagonista na construção do seu conhecimento.

[...] O papel do professor amplia-se significativamente. Do informador, que dita conteúdo, transforma-se em orientador de aprendizagem, em gerenciador de pesquisa e comunicação, dentro e fora da sala de aula, [...] aproveitando o melhor do que podemos fazer na sala de aula e no ambiente virtual (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 8).

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

Um exemplo claro do novo papel do docente é o professor de língua portuguesa que, ao lecionar sobre construção textual, além de explicitar as regras de gramática, pontuação, tempos verbais, precisa abordar também as formas de argumentação, a responsabilidade da escrita, a escolha do público alvo, a correta seleção do conteúdo, dentre outros aspectos relacionados. Isso porque hoje não se escreve apenas para um pequeno público e sim, para o mundo.

A questão que se coloca não é mudar drasticamente a realidade da sala de aula, mas sim ampliar a ação pedagógica para além da mera transmissão de conteúdo. A postura, a escuta, o olhar, a qualidade do vínculo que o professor estabelece com a situação de ensino aprendizagem precisam impregnar-se das âncoras do paradigma da Pós-modernidade, de modo a considerar e contemplar as diferentes dimensões do ser humano e os múltiplos aspectos do aprender (ABED, 2014, p. 17).

A escola precisa ser um espaço onde a criança possa experimentar novos conhecimentos e novos raciocínios; fazer boas leituras de imagens; ser desafiada a prestar atenção no entorno e nos pequenos detalhes; aprender a analisar as variáveis de uma questão (que pode mudar a resolução do problema).

Ainda não se criou uma metodologia específica para essa nova geração, todavia, podemos pressupor que as crianças precisam de professores interessados em seu bem-estar e em seu desenvolvimento; que reflitam sobre as suas necessidades reais; que as orientem com ética, responsabilidade e amor.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS PARA A GERAÇÃO ALPHA

Diante desse novo período da história no qual a sociedade líquida vive em constante mudança e cercada de tecnologias e incertezas, os novos paradigmas de ensino despertam o interesse não apenas da área da educação, mas também da área de negócios.

Embora ainda não existam modelos de educação preestabelecidos para esse público-alvo, a tendência é que o sistema de ensino seja personalizado e voltado para as necessidades e interesses dos alunos, com foco no aluno e não

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

no currículo, baseando-se em projetos interdisciplinares e transversais que estimulem o aprendizado por meio das vivências do cotidiano. Todas as atividades precisam ter uma intenção pedagógica, para que, assim, possam contribuir com a formação de cidadãos éticos e participativos.

No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 12).

Diante das expectativas do futuro desta geração, os currículos escolares, reforçados pela BNCC (2017), devem buscar desenvolver: o foco; a criatividade; a curiosidade; a busca de um conhecimento real; o olhar científico; o saber fazer; a argumentação; o trabalho em equipe; o autoconhecimento; a leitura; a diversidade; a interpretação de informações; com foco na criação e na produção (artística); pensando no próximo (empatia e cooperação); produzindo com responsabilidade e ética.

Quando o conhecimento é valorizado, é possível transformar o mundo ao redor e desenvolver a autonomia. Para isso, o professor precisa estimular em seus discentes a vontade de aprender e de adquirir conhecimento, de modo que busquem informações de qualidade e saibam aplicar na prática o conhecimento adquirido.

De acordo com Moran, Masetto e Behrens (2000), o ensino terá grandes avanços se a gestão escolar souber adaptar o currículo às necessidades dos educandos, relacionando as vivências com as situações inesperadas, buscando criar um grupo de estudantes focados na investigação. Assim, ao desenvolverem a curiosidade intelectual, poderão buscar novas informações e solucionar problemas, com habilidade de interpretação e de questionamento.

O horizonte artístico também pode ser explorado, desenvolvendo a expressão artística, a sensibilidade, o pensamento abstrato, a fruição e a

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

apreciação artística e cultural. Quando se estimula a construção de identidade e a criação de arte, desperta-se no educando a vontade de conhecer diversas formas de arte, potencializando o entendimento da diversidade.

As atividades com foco na comunicação devem criar a possibilidade de utilização de diferentes linguagens, para que haja uma expressão de ideias com mais exatidão, clareza e qualidade. A linguagem da tecnologia deve ser utilizada de forma que auxilie na propagação e divulgação das ideias.

Desenvolver a leitura e a interpretação de mundo por meio da análise e do conhecimento dos elementos que compõem o todo auxiliam na resolução das questões, e permitem que o educando seja capaz opinar, debater, defender e se posicionar.

As tecnologias estão presentes no cotidiano desta geração, e a sua utilização deve ocorrer com foco na formação de cidadãos éticos, tanto na vida real quanto na digital. Dessa maneira, as crianças devem usar a *internet*, os *chats*, os aplicativos, etc., com ética e responsabilidade, buscando minimizar os casos de exposição, *bullying* e crimes. Paralelamente, devem compreender o impacto da tecnologia e da cultura digital na vida do ser humano.

A dinâmica escolar envolve a autonomia, o planejamento, a execução, a organização e a autoavaliação, habilidades necessárias durante toda a sua vida, e que aliadas ao foco e à perseverança, permitirão a criação de um projeto de vida e a sua colocação em prática.

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações – transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tomar-se cidadãos realizados e produtivos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 13).

As experiências vividas permitem que o aluno tenha opinião própria, posicione-se e defenda seu ponto de vista com base em dados e evidências. O discente precisa ser capaz de argumentar com clareza, com informações bem

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

fundamentadas, defendendo seus argumentos com ética e responsabilidade. As ideias devem ser confrontadas, não pessoas.

A boa relação entre o aluno e o professor auxilia no desenvolvimento da competência do autoconhecimento e autocuidado, uma vez que conhecer a si mesmo e gostar de si próprio ajuda o aluno a viver bem e com qualidade, a ter autoestima e sentir-se capaz.

Abed (2014) ressalta que o desenvolvimento das competências socioemocionais no ambiente escolar não implica em desconsiderar os aspectos cognitivos, muito menos a construção de novos saberes. Contrariamente, práticas pedagógicas com foco na inteligência emocional resgatam o emocional e o social dos estudantes, integrando a *subjetividade* e a *objetividade*, colocando-os como partes integrantes e inseparáveis do processo de aprendizagem.

A emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo; neste sentido, ela é regressiva. Mas a qualidade final do comportamento do qual ela está na origem dependerá da capacidade cortical para retomar o controle a situação. Se ele for bem-sucedido, soluções inteligentes serão mais facilmente encontradas, e neste caso a emoção, embora, sem dúvida, não desapareça completamente (isto significaria atingir um estado não emocional, o que não existe, já que para Wallon, a afetividade é componente permanente da ação, e se deve entender como emocional também um estado de serenidade), se reduzirá (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2016, p. 88).

Dessa forma, entende-se que a educação precisa focar no desenvolvimento das competências socioemocionais, pois essas são os alicerces para se enfrentar os desafios do dia a dia com mais inteligência e equilíbrio. Quando o educando consegue ter o pleno controle das suas emoções, ele se sente seguro, capaz, valorizado e acredita em suas potencialidades e em seu poder de superação.

O indivíduo autorregulado age de maneira consciente, autorreflexiva e proativa, atitudes que favorecem a retenção do conhecimento e criam um maior envolvimento com os estudos, provocando, conseqüentemente, um melhor aprendizado. Assim, promover o desenvolvimento das habilidades de controle

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

emocional, comportamental e cognitivo deve ser uma das bases das práticas pedagógicas (ZIMMERMAN; BONNER; KOVACH, 1996).

Desenvolver a empatia e a cooperação no ambiente escolar para que o educando saiba se colocar no lugar do outro, para dialogar com igualdade, sem preconceito, valorizando a diversidade é outra prática recomendada.

As práticas pedagógicas supracitadas oportunizam ao educando tornar-se agente de transformação da própria vida e da vida de terceiros, do mundo. Entenda-se como cidadão ativo e atuante, capaz de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Por último, a Geração Alpha pode se beneficiar com práticas de gamificação como uma estratégia de engajamento e de motivação, uma vez que os jogos eletrônicos, além de imensamente utilizados como lazer, também fazem parte da cultura desta geração.

Para Kapp (2012), a gamificação consiste na utilização de elementos dos *games* fora desse contexto, utilizando para isto estratégias, pensamentos e problematizações com o intuito de propiciar a aprendizagem por meio de práticas motivadoras, que auxiliem na solução de problemas e promovam a interação social.

Ademais, os jogos proporcionam aos seus usuários a possibilidade de desenvolverem diversas habilidades, tais como: autoconhecimento, criatividade, tomada de decisão rápida e baseada em informações (pensamento ágil), colaboração, iniciativa, poder de negociação, senso crítico e investigação.

Em termos de aprendizagem, quando pensamos em *gamification* estamos em busca da produção de experiências que sejam engajadoras e que mantenham os jogadores focados em sua essência para aprender algo que impacte positivamente em sua performance (ALVES, 2015, p. 41).

As habilidades desenvolvidas com os jogos costumam ser pouco trabalhadas nas escolas, talvez porque essa instituição ainda não se sinta confortável com tais práticas. Entretanto, os jogos auxiliam os professores na elaboração de atividades pedagógicas contextualizadas, desafiadoras e próximas da realidade, criando uma interação entre o meio, a situação problematizada e os indivíduos envolvidos.

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

A gamificação é capaz de elevar o nível do aprendizado do estudante e de proporcionar experiências repletas de diversão, desafios e vivências que talvez não fossem possíveis no caso de uma educação baseada em atividades tradicionais. Uma vez que os jogos despertam comportamentos competitivos e cooperativos, diante da vontade de vitória, quando jogam, os indivíduos tornam-se mais participativos, cheios de garra e entregam o melhor de si, comportamentos extremamente desejáveis em um ambiente de aquisição de novos saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas escolas ainda se apoiam no método tradicional de ensino, em que o professor é autoritário, as aulas são desestimulantes, e as atividades são voltadas para a resolução de exercícios, a repetição e a memorização; em que os alunos são pouco participativos, apáticos e a aprendizagem é mecânica, não promovendo, significativamente, um modelo eficaz para as crianças da Geração Alpha.

Para educar esta geração, as instituições educacionais precisam planejar práticas significativas e inovadoras, que acolham as mudanças e as transformações da sociedade, por meio da implantação de currículos integradores que modifiquem o ensino e se adaptem ao perfil e ritmo de aprendizagem dos estudantes, como defendem Moran, Masetto e Behrens (2000).

Em conjunção, a gestão escolar precisa criar um plano pedagógico que introduza a tecnologia na sala de aula, integrando os exercícios que requerem atenção, concentração e reflexão, com atividades interativas e virtuais (por meio de aplicativos e/ou plataformas) que proporcionem o equilíbrio entre as práticas *online* e *offline*. Dessa forma, o aluno trabalhará em um ambiente estimulante, sentindo-se cativado, instigado e motivado.

A tecnologia é uma linguagem que faz parte do cotidiano da Geração Alpha no ambiente familiar, por isso, introduzi-la na escola nada mais é que a extensão da sua utilização cotidiana, proporcionando a interação desses universos e dos indivíduos neles inseridos.

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

A Geração Alpha precisa de uma educação que atenda às suas necessidades individuais, respeite o seu ritmo de aprendizado, bem como potencialize o desenvolvimento de suas habilidades. A tecnologia e os seus recursos facilitam o monitoramento individual e ajudam na criação da educação personalizada.

Entretanto, a escola precisa estar atenta à utilização da *internet* como fonte de pesquisa, devendo ensinar os alunos a realizarem as seguintes tarefas: uma busca consciente; a análise do conteúdo com discernimento; a utilização de informações e fontes confiáveis; e a interpretação adequada dos conteúdos selecionados. Desse modo, como pontua Prensky (2010), enfoca-se não apenas na formação de usuários, mas também de alunos produtores de novas informações e, inclusive, de novos conhecimentos.

A escola tem a função social de unir a teoria com a prática; de criar conexões entre as vivências da sala de aula e as do cotidiano; de educar não apenas um aluno, mas um cidadão. Possibilita a formação de um indivíduo autorregulado, que se preocupa consigo mesmo e, também, com os indivíduos que o cercam, com a sociedade e com o meio ambiente, atuando de forma responsável e ética.

Sendo assim, os gestores educacionais precisam oferecer práticas que busquem o desenvolvimento dos estudantes em todas as suas dimensões, seja a inteligência cognitiva ou a emocional; aliando o aprendizado dos saberes específicos, com o relacionamento interpessoal, o controle emocional, a empatia e o respeito à diversidade.

Os estudantes da geração Alpha recebem uma quantidade imensurável de estímulos e têm acesso ilimitado a diversas informações, o que pode torná-los mais ativos, ansiosos, impacientes e exigentes. Entretanto, a super estimulação também pode torná-los mais curiosos e independentes, como postula McCrindle (2014). Esse perfil demanda que as escolas e os professores adotem práticas pedagógicas dinâmicas, com um currículo focado no desenvolvimento integral do educando e que busque desenvolver todas as competências necessárias para o desenvolvimento de um ser humano atuante na sociedade, capaz, realizado, competente, consciente, ativo e feliz.

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v24n25/02.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ALVES, Flora. **Gamification** - Como criar experiências de aprendizagem engajadoras. Um guia completo: do conceito à prática. 2. ed. São Paulo: DVS, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

COSENZA, R. M; GUERRA, L. B. **Neurociência e Educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre a juventude. **Sociedade & Estado**, Brasília, Vol.25 n.2, maio-ago. 2010.

GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v.4, n.4, p.3-12, publicação semestral, junho/2011.

KAPP, Karl. **The gamification of learning and instruction**: game-based methods and strategies for training and education. Pfeiffer, 2012.

KAMPF, Cristiane. **A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento**. *ComCiência* [online]. 2011, n.131, pp. 0-0. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n131/a04n131.pdf> Acesso em: 03 jan. 2021.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotski, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. 27. ed. – São Paulo: Summus, 2016.

MARTIN, C.; TULGAN, B. **Managing the generation mix**. Amherst: HRD Press, 2006.

MCCRINDLE, Mark. **The ABC of XYZ**: Understanding the Global Generations. McCrindle Research Pty Ltd – Australia, 2014.

O DESAFIO PEDAGÓGICO DA GERAÇÃO ALPHA

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. – Campinas, SP: Papirus. 2000. - (Coleção Papirus Educação).

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1973.

PRENSKY, Marc. **Teaching digital natives: partnering for real learning**. California: Corwin, a Sage Company, 2010.

SMOLA, K. W.; SUTTON, C. D. Generational differences: Revisiting generational work values for the new Millennium. **Journal of Organizational Behavior**, 23, 363-382, 2002.

WALLON, Henry. **As origens do pensamento da criança**. São Paulo: Manole, 1989.

ZIMMERMAN, Barry J.; BONNER, Sebastian; KOVACH, Robert. **Developing Self-Regulated Learners: Beyond Achievement to Self-Efficacy: Beyond Achievement to Self-efficiency**. Editora Amer Psychological Assn, 1996.